

Sendo eu um rio, o Gualaxo do Norte, pude testemunhar importantes transformações históricas ao longo do tempo. Uma das mais significativas processou-se ao final do século XVII, quando passei a ser trilhado por sertanistas vindos de São Paulo. Eles logo descobriram veios de ouro em minhas margens, o que atraiu mais e mais colonos para as terras que eu banhava. Parte desses aventureiros subia em direção à Cordiheira do Espinhaço a partir do Rio Casca, onde foram registrados alguns dos primeiros achados desse precioso metal, e então prosseguiram pelo curso do Rio Doce; já outros iniciavam seu trajeto desde o arraial que ficou conhecido como Vila Rica, nas proximidades das minhas nascentes (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 26).

Com a descoberta do ouro, rapidamente foram repartidas lavras (isto é, terrenos junto às minhas margens) entre as lideranças dos recém-chegados. Por sua vez, aqueles que detinham pouco poder ou recurso tiveram que contentar-se com a prática da faiscação, vindo a garimpar meu leito nas áreas que restaram. Nos dois casos, eram utilizadas bateias, uma espécie de peneira feita de madeira ou de metal, para separar o ouro do cascalho depositado no fundo de minhas águas. E o interesse por tal atividade só crescia, pois o ouro retirado era denso e bem amarelo, embora fosse considerado de qualidade um pouco inferior ao de Vila Rica e da Vila do Carmo. Já sua quantidade era bastante generosa: foram retirados cerca de 73 quilos apenas na primeira década do século XVIII (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 30; FARIA, 2010, p. 110-111). Justamente por essa opulência inicial, que a tantos atraía, a área foi descrita por um dos primeiros historiadores de Minas, Diogo de Vasconcelos, como “o mais barulhento lugar da antiguidade”. (VASCONCELOS, 1974, V. 1, p. 181).

A distribuição das lavras foi acompanhada pela derrubada de matas nativas e criação de arraiais, como o de Bento Roiz (nome depois derivado para Bento Rodrigues), em referência a um dos primeiros bandeirantes a chegar na localidade. Sobre ele, sabe-se somente que viera de Taubaté, em São Paulo, e detinha a patente de cabo (PIRES, 2012, p. 30; OLIVEIRA, s. d. p. 5). Aliás, não era incomum que sertanistas integrassem tropas militares, pois o reduzido contingente de portugueses na Colônia impeliu a Coroa a delegar tais serviços (ROMEIRO, 2013, p. 16; UFMG/ICOMOS, 2019, p. 35). Quase de forma simultânea, foram sendo erguidos os arraiais de Antônio Pereira, Camargos, Gama e São José de Matias Barbosa (hoje município de Barra Longa) (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 27). Além de conferirem nomes aos novos povoados, as chefias dos sertanistas também tornaram-se designações dos córregos e ribeiros que desaguavam em meu curso, como Teodósio Moreira, Enrique Dias, Moreira Serra e o próprio Bento Rodrigues. (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 33).

A sobrevivência nesses arraiais era mantida pelas pequenas roças, dedicadas sobretudo à plantação de milho. Tratava-se, porém, de uma agropecuária ainda precária e continuamente ameaçada pelas intempéries, como demonstraram as crises de carestia ocorridas entre os anos 1697/1698 e 1701/1702 (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 32). Em paralelo, o abastecimento era parcialmente suprido pelos tropeiros, embora o preço cobrado por seus produtos fosse elevado, devido tanto às taxas estipuladas pela Metrópole para passagem das tro-

G U A L A X O
V I V O

pas de mulas à região mineradora, como às perdas e dificuldades inerentes a esse transporte, uma vez que era preciso atravessar várias quedas d'água e corredeiras, bem como rotas terrestres íngremes e perigosas (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 32).

A chegada dos paulistas afetou duramente não apenas as relações ecológicas até então vigentes ao longo de meu curso d'água, como principalmente os modos de vida indígena existentes na região. Diante das práticas de seu apresamento e utilização como mão de obra escrava, os ameríndios inicialmente reagiram através do enfrentamento direto mas, devido à desigualdade de forças, viram-se exterminados ou aprisionados em pouco mais de duas décadas. Uma vez cativos, passaram a ser denominados “carijós”, “negros da terra” ou “cabras da terra”. Os poucos sobreviventes tiveram que emigrar para o norte e para o oeste, áreas ainda não colonizadas conhecidas como “sertões”. (VENÂNCIO, 1997; UFMG/ICOMOS, 2019, p. 25). E se é impossível reproduzir as sonoridades desses grupos indígenas em seus embates de resistência, subsistem musicalidades praticadas por etnias do tronco Jê em Minas Gerais, a exemplo dos Krenak, através das quais é possível evocar o dilema das perdas sofridas e a luta pelo reconhecimento de seus direitos de reintegração à terra e ao modo de vida a ela associado.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

OLIVEIRA, José Eduardo de. *Bento Rodrigues: trajetória e tragédia de um distrito do ouro*. S. d.. Disponível em: https://www.academia.edu/19713244/Bento_Rodrigues_trajet%C3%B3ria_e_trag%C3%A9dia_de_um_distrito_do_ouro. Acesso em 2 ago. 2019.

PIRES, Maria do Carmo. O termo de Vila de Nossa Senhora do Carmo/Mariana e suas freguesias no século XVIII. In: CHAVES, Claudia Maria das Graças; PIRES, Maria do Carmo; MAGALHÃES, Sônia Maria de (org.). *Casa de Vereança de Mariana: 300 anos de história da Câmara Municipal*. Ouro Preto, Ed. UFOP, 2012.

ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Angela Vianna (org.). *Dicionário histórico das Minas Gerais: período colonial*. 3ª. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

UFMG/ICOMOS. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*. 4ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. V. 1.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Os últimos carijós: escravidão indígena em Minas Gerais. 1711-1725*. Revista Brasileira de História, v.17, n. 34, p.165-181, 1997

